

A REGENERAÇÃO

AVENÇA

Semnário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Tendeiro
Composição, Impressão e Redacção na
Tip. Figueirense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueirense

FIGUEIRO DOS VINHOS

Figueiró Histórico

Orgulha-se Figueiró dos Vinhos da sua Igreja Matriz, Monumento Nacional por decreto de 4 de Agosto de 1922, que todos que nos visitam admiram pela sua imponência e beleza das obras primas que encerra.

Erigida pelos Padres Cruzios de Coimbra, em estilo Renasçença, é um vasto templo de grande beleza architectónica, com as suas três imponentes naves, divididas por belas e elegantes colunas de granito de magníficas proporções.

São de muita beleza e valor a finíssima talha dourada do altar-mor, da época de D. João V, e os magníficos azulejos, também na capela-mor, datados de 1715 e representando cenas bíblicas.

Possui ainda outras obras de muito valor, que merecem ser admiradas, como o belo túmulo de granito, com inscrições góticas, onde repousam D. Roy Mendes Vasques, 2.º Conde de Figueiró, e sua mulher; o soberbo quadro «O Baptismo de Cristo», tela felicíssima do grande Malhó; um riquíssimo Cristo, obra de Mestre Simões d'Almeida; uma imagem gótica do século XII, de muito valor, etc.

Há cerca de quarenta anos realizaram-se aqui grandes obras, que foram levadas a efeito por meio de subscrição pública. Da comissão que então as levou a efeito e realizou as grandiosas festas que se lhe seguiram, supomos que apenas vive um dos seus membros, o senhor José Manuel Godinho, que foi tesoureiro da referida comissão.

Presentemente encontra-se em estudo um grandioso plano de restauro deste belo monumento, para a sua integração no primitivo plano, o que muito o virá beneficiar.

M. A.

Biblioteca pública

Despertou grande interesse entre os nossos assinantes a redaccional que com este titulo publicámos no nosso último número, em que vinculávamos a necessidade de auxiliar a iniciativa do sr. dr. Sérgio dos Reis, illustre director da Escola Secundária.

Não basta, porém, que os nossos leitores mostrem interesse. Não basta que aprovelem a iniciativa do dr. Sérgio dos Reis. É preciso mais: concorrer cada um com o seu auxílio, para que não perca a bela oportunidade de fazer em Figueiró dos Vinhos uma biblioteca pública.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

A nossa missão

No seu último número lança *A Regeneração* um apêlo aos seus leitores para que lhe apresentem sugestões sobre os assuntos que, em seu entender, deveriam ser focados nestas colunas.

Respondo à chamada para dar a minha modesta opinião sobre o assunto.

Em meu entender a nossa missão, a missão de todo o pequeno jornal de província, deve ser a de informar os seus leitores sobre os acontecimentos locais de maior interesse e oportunidade. Os leitores de *A Regeneração* desejam saber o que se passa na sua terra e ver aqui defendidos problemas de interesse vital para a região. E, certamente, lêem primeiro as notícias que se referem a qualquer facto aqui ocorrido do que a transcrição de um outro jornal ou um artigo de cultura geral.

Se àqueles que aqui vivem o jornal pode interessar, muito mais interessa, sem dúvida, aos que estão longe da sua terra, espalhados por todo o País, pela Africa e pelo Brasil—onde há grandes colónias de figueirense—que certamente hão-de querer saber o que se passa na terra que lhes foi berço. E a essa com certeza interessa mais a pequena notícia local—o casamento de um vizinho, os melhoramentos realizados na sua aldeia, a simples partida do senhor fulano para aqui ou para ali do que uma secção cultural ou crítica literária.

Isto não quer de forma alguma dizer que condene tais artigos ou negue o papel preponderante que a imprensa tem a desempenhar como elemento de cultura e divulgação. Mas quem quer cultivar o espírito ou deleitar-se com um bom artigo não procura estes jornais.

A minha opinião é, pois, esta: criem-se secções especiais onde sejam focados todos os acontecimentos locais, mesmo aqueles que nos pareçam de somenos importância; dêem-se todas as informações que possam interessar os leitores; publiquem-se artigos em que se defendam todos os problemas de interesse para a região; defenda-se e faça-se a propaganda da nossa terra e, finalmente, nomeiem-se correspondentes em todas as seles de freguesia e nas povoações mais importantes do nosso concelho, que enviem regularmente as suas notícias sobre tudo que possa interessar os assinantes deste jornal.

Esta quanto a mim deve ser a base, o princípio, por que se deve reger e orientar *A Regeneração*, o que não quer dizer que nela não haja também lugar para artigos de outra índole, que, certamente, também terão os seus adeptos.

Mário Alves

CASA DO POVO

Por despacho de Sua Ex.^a o Senhor Sub-Secretário de Estado das Corporações, foi concedido um subsídio de 20.000\$00, pelo Fundo comum, à Casa do Povo desta Vila, destinado à liquidação das dívidas contraídas com a construção da respectiva sede.

Por tal motivo, na próxima passada 3.^a feira, foram convidados a comparecer na sede da Casa do Povo, os ex.^{mos} Comerciantes e Industriais desta Vila, a quem a Casa do Povo ainda era devedora, a fim de lhes ser feito o respectivo pagamento.

Justo é, porém, salientar o gesto deveras cativante do ex.^{mo} sr. An-

selmo A. Tomaz Agria, que do seu crédito, prescindiu da quantia de 113\$98, importância esta que prontamente ofertou à Casa do Povo, e pelo que a sua Direcção se confessou imensamente reconhecida.

Com o subsídio concedido pelo Senhor Sub-Secretário e com algum dinheiro em cofre na Casa do Povo, ficaram assim liquidadas as dívidas resultantes da construção da sede da Casa do Povo. Outras de pequena monta ficaram, mas que também muito em breve serão liquidadas. É este o desejo firme dos que a servem, e estamos certos de que o conseguirão, para bom nome e prestígio da nossa Casa do Povo.

Dêem-nos sugestões!

No passado número, lançámos um apêlo em que pedíamos aos leitores sugestões sobre os assuntos a focar nas nossas colunas. O nosso pedido fica em aberto para todos os que queiram responder, desde que o façam em termos comedidos.

Até agora só recebemos uma resposta, da autoria do nosso colaborador Mário Alves, que inserimos em «fundo», no mesmo local em que publicámos um artigo do nosso Director Literário, cujos pontos de vista eram diametralmente opostos ao de Mário Alves. Mas nem por esse facto a nossa imparcialidade faliu, pois é com bastante interesse que o publicamos.

Não queremos de forma alguma influenciar os leitores, pelo que não fazemos neste número qualquer comentário às palavras daquele nosso illustre colaborador, que tanta nos tem encantado com as suas sugestivas crónicas de Figueiró Antigo. Simplesmente queremos, desde já, definir a nossa atitude no referente a correspondências locais... e a correspondentes. Apesar de apêlos constantes, até agora poucos têm acedido com as suas notícias. Nos que falam com o original recai a responsabilidade da falta de notícias locais, que não podemos de modo algum adivinhar.

As promessas de auxílio e colaboração tem sido muitas, mas, na maior parte, não passaram de promessas.

É esta uma explicação que devíamos aos nossos leitores e assinantes, e que lhes prestamos de boa vontade.

Disposições camarárias

Conforme editais que noutro local publicamos, e para os quais chamamos a atenção dos nossos leitores, a Câmara Municipal do nosso concelho tomou as seguintes deliberações:

1) proibir a saída da palha de milho para fora do concelho, sob pena de apreensão, e de graves sanções para o transgressor;

2) obrigar os produtores e armazénistas a declarar até ao próximo dia 10 de Outubro as quantidades e qualidades de carvão de que forem detentores;

3) regular os impostos indirectos aprovados pela mesma Câmara; e

4) fixar até ao próximo dia 15 o prazo de oito dias a que se refere o § 5.º do art. 707.º do Código Administrativo, em que está patente na Secretaria da Câmara Municipal a matriz do Imposto de Prestação de Trabalho para o ano de 1943, para efeitos de reclamação.

2 Mas falando em H mem Cristo, não podemos deixar de falar em Casimiro Freire, o fundador das Escolas Móveis.

As escolas-móveis foram um processo engenhoso de ladear uma grave questão: a do edificio escolar. Devido ao seu carácter volante, não exigiam, como exige a escola fixa, um edificio próprio e um mobiliário próprio, que tem sido uma das dificuldades com que sempre se tem lutado em Portugal. Trabalhando em pleno rendimento—dando aulas de dia, a crianças, e de noite a adultos—só levantavam o «bivaque» quando tivessem estirpado o analfabetismo nos locais em que se instalavam, a pesar da sua duração legal ser de dois anos. Foram muito úteis os resultados colhidos por cerca de 400 escolas móveis disseminadas pelo país, criando pequenos oasis de letrados, sendo um dos mais típicos o trabalho da escola que funcionou junto das minas do cabo Mondego, onde, crianças e adultos, todos aprenderam a ler.

Tôdas estas iniciativas, todos estes esforços, foram uma gota de água no «mare magnum» das nossas necessidades culturais. E a esta gota de água, temos a acrescentar uma lágrima, essa lágrima de ternura e amor, que são os «Jardins Escolas João de Deus». Jardins... sete florinhas, tantos são os existentes, onde aspiram o perfume umas curtas centenas de crianças de entre as 481 821 em idade pré escolar (segundo o projecto de reforma da Instrução Primária).

E depois de tudo isto, o que nos diz o último censo da população do nosso País? Que em 6 825 883 habitantes, há 4 627 088 analfabetos

O problema apresenta-se—diz o parecer da Câmara Corporativa, à proposta de reforma do ensino primário do actual Ministro da Educação—com carácter de acuidade, e exige, não apenas a acção urgente dos poderes públicos mas o interesse de toda a Nação. Encontramo-nos em presença—segundo as estatísticas—de 750 000 crianças em idade escolar, de que só poucas mais de 200 000 sabem ler; de 480 000 crianças em condições de pré-escolaridade, a que não podemos oferecer a necessária assistência educativa e infantil; de considerável percentagem de retardados adolescentes e adultos, que não só a deficiência da rede escolar, mas determinadas circunstâncias de ordem económica e social—mormente no que respeita às populações rurais—têm excluído dos benefícios da educação, e dos quais cerca 800 000 ainda estão em idade de aprender.

D. L.

Função professor:

Pensa que a profissão que abraçaste é de todas a mais nobre e mais meritória. Apesar-disso há quem a renegue e abanhe. São os que a não sentem, são os de coração seco! Os que a consideram sem importância, um mísero ganha-pão. Lamentemo-los.

Para se ser professor, para se merecer dignamente este titulo, é preciso abarcar-se, compreender-se todo o valor desta profissão, identificar-se o individuo com ela; numa palavra, entregar-se à causa da humanidade e não lhe pôr limitações. Um sentimento destes não é realmente para os viciosos e degenerados, para os egoístas, indolentes, comodistas, convencionais e oportunistas. Esses não são professores. E devem mudar de profissão... —Angel M. Corzo.

Correspondências

Avelar, 25-9-942

Festa de Beneficência. — Realizou-se no passado dia 24 no Salão Nobre do Hospital desta vila, uma soirée de beneficência, que decorreu com extraordinário brilho.

A mesa de honra era presidida pelo sr. dr. Manuel Augusto Fernandes Medeiros, secretariado pelos srs. dr. Pereira, tenente Soua Ribeiro, dr. D. João Pais, José Augusto de Medeiros e reverendo padre Manuel Maria Gaspar Furtado.

Aberta a sessão o estudante de Direito, Arménio António Cardo proferiu uma conferência, cujo título era «Regionalismo das Cinco Vilas». O conferente foi apresentado pelo reverendo Gaspar Furtado, dirigindo-lhe em nome de todos palavras de reconhecimento pela maneira, como se havia interessado pelo Avelar.

O assunto da conferência focava o desenvolvimento do comércio e da indústria nesta vila para o qual havia concorrido o esforço do honrado trabalhador ou operário e a lúcida inteligência dos seus chefes. O orador aludiu à importante situação do Avelar que, pelo seu já notável tráfego industrial, cooçou à testa das restantes vilas.

Fez uma pequena digressão histórica onde buscou motivos para justificar o convívio destes povos no tempo presente.

Aludiu, também, a padrões e operários e dentre estes pôe em destaque a função e sacrificio do trabalhador agrícola que bem merece ser acarinhado.

Finalmente terminou enumerando os melhoramentos, que é indispensável levar a cabo na região a fim de assegurar as garantias da sua importância actual e aquelas que um futuro já à vista lhe promete.

O sr. dr. Manuel Medeiros dirigiu algumas palavras de gratidão e homenagem ao conferente que foi calorosamente aplaudido e felicitado.

A aluna de Direito Maria Esmeralda Figueiredo Brito, com entusiasmo, próprio da sua idade, proferiu, por sua vez, uma exortação à mocidade. E a aluna do 5.º ano dos liceus, Maria Fernanda Dias de Figueiredo recitou uns versos intitulados «O Edital».

O produto líquido desta interessante festa, que foi de 310\$00, reverteu a favor do Hospital.

Seguiu-se um baile, durante o qual foi servido pelas meninas promotoras desta festa, um copo de água aos convidados.

Revistas e Jornais

Transcrições

Seara Nova, revista de doutrina e crítica que se publica em Lisboa, transcreveu do nosso n.º 566 a crítica a «O Problema do Romance Português Contemporâneo».

O nosso colega Jornal de Moura transcreveu a referência ao seu numero especial dedicado à feira de Moura.

Agradecemos.

Vida Mundial

Temos continuado a receber com regularidade a visita deste bem elaborado documentário semanal da Imprensa com uma bela colaboração escolhida entre as principais publicações nacionais e estrangeiras.

Vida Mundial, vende-se em Figueiró dos Vinhos na Barbearia de Victor do Carmo Correia, ou no seu agente juvenil da Conceição Simões.

Boletim da União de Grêmios dos Lojistas de Lisboa

Recebemos os n.ºs 18, 19 e 20 deste Boletim, que honra sobremaneira a organização corporativa do comércio da Capital.

Diário Popular

Com este título começou a publicar-se em Lisboa um novo diário, dirigido pelo Dr. A. de Sousa Gomes. Os nossos desejos de prosperidades.

Vida Ribatejana

Publicou um esplêndido número especial, dedicado à feira de Vila Franca, este nosso colega, que se publica em Vila Franca de Xira sob a direcção do Sr. Fausto Nunes Dias.

FALECIMENTO

Faleceu em Lisboa, no passado dia 3 do corrente, a ex-ma Sr.ª D. Maria da Conceição Pinto de Figueiredo, digníssima sogra do nosso amigo e assinante Dr. Joaquim Cànova, proprietário nesta vila e ilustre Conservador do Registo Commercial em Coimbra.

A família, em especial ao sr. dr. Joaquim Cànova, ex-ma esposa e filhos, as nossas sinceras condolências.

Entre a numerosa assistência encontravam-se grande número de pessoas das freguesias de Maças D. de Maria, Chão de Couce e Aguda.

Casamento elegante

Na freguesia do Vau, concelho de Obidos, realizou-se, no passado dia 3 do corrente, o auspicioso enlace da sr.ª D. Preciosa Duque Nunes, prezada filha do importante industrial e comerciante da praça de Lisboa sr. Domingos Nunes e da sr.ª D. Amélia Duque, e irmã do sr. Domingos Duque Nunes, com o sr. Eugénio Pereira Nunes de Araújo Lacerda, nosso querido amigo e digníssimo professor official em Olho Marinho, filho do nosso assinante sr. Carlos de Araújo Lacerda, funcionário administrativo aposentado, e da sr.ª D. Hermínia Nunes Lacerda, desta vila.

Serviram de padrinhos da parte da noiva o sr. Manuel José Ferreira e sua Esposa sr.ª D. Emília Carvalho Ferreira, e da parte do noivo o sr. dr. Ernesto Lacerda e Costa e a sr.ª D. Maria Augusta dos Reis Abreu.

Desta vila foram assistir ao acto, além dos pais do noivo seus tíos srs. Tenente João Ambrosiano de Aguiar Valadão e sua Esposa a sr.ª D. Maria Josefa de Araújo Lacerda Valadão; e de Lisboa, seus primos dr. Fernando Vaz Lacerda e Afonso Vaz Lacerda.

No seu magnífico solar foi oferecido pelos pais da noiva um lauto banquete, que decorreu animadíssimo, sendo os noivos muito brindados.

Na corbeille viam-se lindas e valiosas prendas.

Os noivos partiram para o norte em viagem de núpcias.

Pagamento de assinaturas

Foram pagas nesta relação as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

- António Lopes, Castanheira, Arega
Sebastião Baptista, Chãos de Cima
Alvaro Lucina, Carapinhal
Adelino de Almeida, Lisboa
João de Carvalho, Figueiró
Joaquim Henriques Varandas, Lisboa
Domingos Coelho Nunes, Pinheiro do Bilim
José Coelho David, Saliborda Nova
Cipriano Simões Prior Fontão Fandeiro
Valentim Coelho da Fonseca, Pobrais
Alberto Fernandes, Beira

CARTEIRA

Partidas e Chegadas

Em casa de seu cunhado, sr. dr. Armando Lopes da Cruz, digno Delegado do Ministério Público nesta Comarca e nosso ilustre amigo, têm estado a passar o período de férias as sr.ªs D. Maria Inez Marques de Sousa e D. Maria Tereza de Sousa, e o sr. Julio José de Sousa.

—Regressaram da Figueira da Foz as sr.ªs DD. Maria da Glória Soares Sarmento, Elvira Nunes Ideias e Lúcia Nunes Ideias Santos, estas ultimas respectivamente esposa e filha do nosso estimado assinante sr. Baptista dos Santos Ideias.

—Fixou residencia nesta vila o sr. Fernando Alberto Anjos Belmarce, digno Agente de fiscalização da Comissão Reguladora das Moagens de Ramas nos concelhos de Figueiró dos Vinhos, Castanheira de Pera e Pedrógão Grande.

—Já se encontra em Figueiró o nosso amigo sr. dr. Narciso Loureiro, distinto professor na Escola Secundária

— Em casa de seu tio e nosso amigo sr. Padre António Inglez, encontra-se, em gôso de bem merecida licença, o sr. Adelino de Almeida, segundo fogueiro da nossa Marinha de Guerra.

—Estão entre nós os srs Renato Casimiro Oliveira de Boaventura e Filinto Nunes Feio, respectivamente Completador Fotográfico e Auxiliar dos Levantamentos, Urbanos da Sociedade Portuguesa de Levantamentos Aéreos, Lda (SPLAL), de Lisboa, que vem continuar os trabalhos topográficos referentes à planta da zona urbanizável da vila de Figueiró dos Vinhos.

Novos professores

Tomaram cargo de professores do ensino elementar da Escola Masculina os srs. prof.ª Joaquim Nunes Ribeiro, Delegado Escolar, e Francisco dos Santos Almeida, e o Regente de Ensino sr. Tomaz Freire da Paz.

As nossas boas vindas.

Quadro de Assinantes

Temos a honra de registar entre os nomes dos nossos assinantes os seguintes senhores a quem endereçamos os nossos cumprimentos:

- Higino de Mesquita, de Figueiró dos Vinhos;
Fernando Alberto Anjos Belmarce, Figueiró dos Vinhos;
António Vicente Chamusca;
Santos, Lopes & Prista, Lda Figueiró dos Vinhos;
Anibal Bruno, Figueiró dos Vinhos.

Regulamento dos Impostos Indirectos

Artigo 1.º—Os impostos indirectos constantes da pauta aprovada pela Câmara Municipal poderão ser cobrados:

- a) por declaração dos comerciantes que os arrecadam;
b) por avença.

§ único. — Quando a Câmara Municipal deliberar cobrar os impostos indirectos por meio de avença, aplicar-se há à sua cobrança o Regulamento do Imposto Indirecto sobre o açúcar, aprovado em reunião ordinária de 6 de Dezembro de 1939.

Art. 2.º—Os impostos indirectos cobrados por meio de declaração, reger-se-ão pelas normas constantes nos artigos seguintes.

Art. 3.º — As declarações, que serão feitas em impressos próprios, serão fornecidas pela Secretaria da Câmara Municipal até ao fim de cada mês, a todos os retalhistas, e deverão dar entrada na mesma Secretaria, devidamente preenchidas e assinadas, ou mesmo em branco, até ao dia 5 do mês seguinte àquele a que respeita - sob pena de 50\$00.

Art. 4.º—Na falta de declaração serão liquidados ao retalhista os impostos indirectos determinados pelo Presidente da Câmara Municipal, depois de informado pelos serviços respectivos, acrescidos da multa a que se refere o artigo anterior.

Art. 5.º—A Secretaria da Câmara Municipal, do dia 5 ao dia 9 de cada mês comunicará a todos os retalhistas a importância dos impostos indirectos a entrar eventualmente nos cofres municipais, a qual será acrescida do valor do impresso.

Art. 6.º—Do dia 10 ao dia 15 de cada mês deverá dar entrada na Tesouraria da Câmara Municipal a importância de todos os impostos indirectos sob pena do pagamento das seguintes multas:

Table with 2 columns: Imposto and multa. Rows: Imposto até 20\$, multa de 10\$; Imposto > 20\$, multa de 20\$; Imposto > 30\$, multa de 30\$; Imposto > 50\$, multa de 50\$.

Art. 7.º—Sempre que se reconheça que há fraude nas declarações o retalhista será punido liquidando-se-lhe a importância igual ao triplo da que deveria entregar voluntariamente e fôr apurada pela fiscalização, a qual entra eventualmente nos cofres municipais.

Art. 8.º—O interessado que se não conformar com as liquidações efectuadas poderá reclamar

Folhetim de "A Regeneração," N.º 1

A CAVALGADA DOS NUS

POR H. LOPES DE MENDONÇA

Por uma bela manhã primaveril do ano de 1520, achavam-se reunidos à porta da velha mesquita de Arzila, santificada sob a invocação católica de Nossa Senhora da Assunção, vários grupos de officiais portugueses, aguardando as damas que saiam lentamente da missa. Num desses grupos, gesticulava animadamente um cavaleiro quasi adolescente ainda, com o lábio superior apenas assombrado pela vagarosa penugem de um buço, trajando sobre as armas, como pessoa nobre, uma soberba malota de grã rosada.

cando destraldamente com o luzente colar de ombros que lhe recafia sobre o pelote vermelho; ao passo que junto deles um terceiro, envolto numa ampla aljaravia, alentado mocetão de barba negra e tez baça, fitava com persistência a porta de arco mourisco, à qual nesse momento assomava o vulto airoso de uma formosa portuguesa, vestida quasi completamente de negro, e acompanhada por uma aia de aspecto carnuado.

indicando vagamente as duas mulheres. Tentou, João Martins! Olhai a vossa dona como vem donairosa...

O interpelado teve um gesto de contrariedade, rubricizou-se ao de leve, e atalhou com expressão de cólera incipiente:

— Mourisco de uma figal calai-vos por Deus, que pode alguém ouvir-vos...

— Ouço eu tão somente, interrompeu o cavaleiro do clar de ombros, sorrindo com bonomia, e a nova tem cabelos brancos para mim.

— Como se todo o mundo não soubera quanto quereis à linda Guiomar! disse o mourisco encolhendo os ombros.

João Martins ia a defender-se, embora perturbado pela aparente justeza da acusação, quando o do colar acudiu, fitando com mais atenção a esbelta rapariga que se apro-

ximava, e cuja tez pálida realçava tão vigorosamente sobre o negro das vestes, como os olhos aveludados e húmidos sobre o setim lililáceo das faces:

— A' fé que bem tristonha vem, a linda filha do porteiro dos contos!

— Se vos parece, James Dias! exclamou João Martins em tom de comiseração afectiva. Com o mesquinho do pai naquele estado!

— Muito mal, hein?

— Por físico e sem remédio o dá o físico, e não tarda talvez que os cavaleiros de Arzila tenham de assistir a dasacostumado saimento, por não vir de refraga com mouros, desta vez, a morte...

— Pobre Diogo Pires... exclamou James Dias.

— Silêncio! atalhou o mourisco, ela já está cerca de nós.

Avisinhava-se com efeito a rapa-

riga. E ao dar com os olhos em João Martins, o sangue que lhe regumou às faces brancas denunciava porventura que mais do que leves suspeitas sobre os extremos do adolescente lisonjeavam o coração juvenil de Guiomar.

João Martins adiantou-se para ela, e saudou-a com apurizada cortezia.

— E vosso pai? perguntou êle com desvêlo.

— Parou de arrevessar sangue, respondeu Guiomar erguendo ao de leve o sobrolho espesso, como num gesto vago de esperança. Mas tão debilitado o vejo...

— Não lhe apetece a comida, acaso?...

— Ah! calai-vos, senhor João Martins, que isso é o que mais me atormenta.

— Como?

EDITAL

O Doutor Manuel Simões Barreiros, Médico Cirurgião pela Universidade de Coimbra e Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Figueiró dos Vinhos:

Faz publico que são obrigados os produtores e armazenistas de carvão, a declarar até ao dia 10 de Outubro próximo as quantidades e qualidades de carvão que possuem depositadas em armazens ou empilhadas fora deles, devendo na mesma declaração — que será feita em papel comum — constar a localização do mesmo carvão.

A falta de cumprimento do presente edital inportará a apreensão do carvão que não fôr manifestado no prazo legal.

Para constar e mais efeitos legais, mandei passar o presente que assino e vai autenticado com o selo branco desta Câmara Municipal e outros de igual teor, que vão ser afixados lugares mais publicos e do costume.

Figueiró dos Vinhos e Secretaria da Câmara Municipal, 30 de Setembro de 1942.

O residente da Câmara
Manuel Simões Barreiros

Edital

O Doutor Manuel Simões Barreiros, Médico Cirurgião pela Universidade de Coimbra e Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Figueiró dos Vinhos.

Faz publico que termina no próximo dia 15 o prazo de oito dias a que se refere o § 5.º do artigo 707.º do Código Administrativo em que está patente na Secretaria da Câmara Municipal a matriz do Imposto de Prestação de Trabalho para o ano de 1943, para efeitos de reclamação.

E para constar e mais efeitos legais passo o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares mais publicos e do costume, assinados por mim e com o selo branco desta Câmara Municipal.

Secretaria da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos, 7 de Outubro de 1942,

O Presidente da Câmara,
Manuel Simões Barreiros

Casa

situada no Cimo da Vila. Vende-se. Tratar com José dos Santos Granada, comerciante, Figueiró dos Vinhos.

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS (1.ª Publicação)

Faz se saber que por este Juizo e sua segunda secção correm éditos de noventa dias, citando o reu António Simões, casado, ausente em parte incerta do Brasil e com o seu último domicilio na Ribeira de Alge, freguesia de Aguda, desta comarca, para no prazo de vinte dias, findos que sejam es da dilacção fixada e contados a partir da segunda e última publicação deste anúncio, contestar, querendo, a acção com processo ordinário que lhes move e outros Maria de Lourdes Simões e marido Artur Rodrigues da Silva, residentes em Almofala de Baixo, dita freguesia

Figueiró dos Vinhos, 24 de Julho de 1942.

O chefe da 2.ª secção
Joaquim José da Conceição Junoir
Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito
Themudo Machado
Jornal «A Regeneração» n.º 569 de 10 de Outubro de 1942

Alvaro Amorim Pinto
Advogado

Castanheira de Pera

Em PEDRÓGÃO GRANDE:
tôdas as segundas-feiras

Anúncio

COMARCA DE ANCIÃO

1.ª Publicação

Faz se saber que no dia 1 de Novembro proximo pelas 12 hora e á porta do Tribunal Judicial desta comarca em virtude da execução sumária que os exequentes António Mendes Margarido, casado, e Manuel Dias Ramalho, também casado, proprietários, aquele residente na vila do Alvorge e este no lugar da Ramalheira, freguesia de Pombalinho, comarca de Soure, move contra João da Silva Freire e mulher Maria da Conceição Neveis, do lugar da Junqueira, freguesia do Alvorge, se ha de arrematar em hasta pública pela primeira vez, pelo maior lance oferecido aci-

Gasogénios
PARA
CAMIONS E AUTOMOVEIS
entrega imediata
consulte:
AGENCIA FORD—Leiria

PENSÃO COMERCIAL
Mesa esplêndida :: Quartos muito higiénicos
Quarto de banho com água fria e quente
Figueiró dos Vinhos — Telefone 9

Anibal Silveira Herdade

Figueiró dos Vinhos

R. Dr. Martinho Simões

Agente e depositário dos produtos

Lusalite Cimentos - Cal Hidráulica
Representante **Tungsram**

24-6
Comissões e Consignações

A. Teixeira Forte
ADVOGADO

Figueiró dos Vinhos

Anuncio

COMARCA DA LOUSÃ

1.ª Publicação

Pela 2.ª secção da Secretaria Judicial desta comarca e nos autos de execução por custas e selos que o Ministério Publico move contra Alice das Neves, menor púbere, residente em Coruche, e outros, por apenso ao inventário orfanológico a que se procedeu por óbito de João de Abreu e mulher Josefa do Rosário, que foram residentes no lugar da Silveira Grande, freguesia do Espinhal, Julgado de Penela desta comarca, correm éditos de trinta dias, contados da segunda publicação deste anúncio, citando o executado José Dias, viuvo, ausente em parte incerta de Portugal e com o último domicilio no lugar da Coelheira, freguesia de Aguda, comarca de Figueiró dos Vinhos, por si e como legal representante de seu filho menor impúbere, Manuel Dias, para os termos da execução acima referida.

Lousã, 3 de Outubro de 1942.

O Juiz de Direito
Rica do Lopes

O Chefe da Secretaria

Francisco Soares Brondão
Jornal «A Regeneração» n.º 569 de 10 de Outubro de 1942

CASA

Arrenda se nesta vila, à Fonte das Freiras, 1.º andar com varanda, instalações de electricidade e água, e quintal. Trata Carlos Lacerda.

EDITAL

O Doutor Manuel Simões Barreiros, Médico Cirurgião pela Universidade de Coimbra e Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Figueiró dos Vinhos:

Faz publico que, de hoje em diante, fica proibida a saída de palha de milho para fora do Concelho. A falta de cumprimento da presente disposição importará a apreensão da aludida palha e fará incorrer o transgressor em graves sanções.

Para constar e mais efeitos legais mandei passar o presente que vai ser por mim assinado e vai autenticado com o selo branco desta Câmara Municipal; e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares mais publicos e do costume.

Figueiró dos Vinhos e Secretaria da Câmara Municipal, 30 de Setembro de 1942.

O Presidente da Câmara
Manuel Simões Barreiros

Joaquim J. Fernandes

Medico Municipal

Clínica geral
Doenças das crianças

Figueiró dos Vinhos

contenciosamente nos termos dos artigos setecentos trinta e dois e seguintes do Código Administrativo.

Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos, em reunião ordinária de 23 de Setembro de 1942, nos Paços do Concelho e na Sala das Sessões.

O Presidente da Câmara,
Os Vogais Efectivos

— Pois não sabeis? Disse-lhe o fisico que de cágados devia manter-se...

— Bem me lembrol

— E não lhe sabiam mal, coitado de meu pai! Mas agora, há dois dias, que desconcertol de todo me faltaram... Com estes rebates constantes de mouros pelos campos de Arzila...

— Rebates! Não os há agora, que eu saiba. Nem um alfaqueque tem corrido a trazê-los à vila.

— Seja assim, disse Guiomar numa voz que gradualmente se ensopeou de lágrimas. Mas sabeis também que o senhor capitão tem posto defesa à saída de gente da praça e só lá fora, no Rio Dóce, se podem pescar os cágados. Até agora, tinha quem de quando em quando fôsse buscá-los: aproveitava as sortidas dos almogavares, e havia um

pobre mourisco que uma que outra vez mos trazia na sua bajoceta. Mas tudo isso acabou, e agora vejo-me sem matença para o mesquinho de meu pai, que está cada vez mais achacoso, e não sei... Mofina de mim!

Escorregavam-lhe duas gotas límpidas sobre a epiderme macia do semblante. Da escarcela sacou um lenço lavado com que as enxugou. O silêncio momentâneo foi cortado pela áspera reprimenda da aia:

— Que pode fazer este cavaleiro às vossas tristuras? Vamos para casa asinha, e deixai-vos de queixumes por coisas que não tem remédio.

João Martins estivera entrementes embebido em cogitações. Sem se importar com a velha, dirigiu-se vivamente a Guiomar:

— Esperai! disse êle.

E depois voltou-se para o mourisco:

— António Coutinho, quereis vós servir de almocadêm para uma correria? Cumpro dar matença a êsse pobre Diogo Pires, que se fina à mingua dela.

— E licença do senhor D. João Coutinho, como a haveis?

— Deixai isso à minha conta, que do seu afecto me pago eu.

— Se assim é...

— Assim mesmo. Olhai, senhora D. Guiomar! Alimpai as lágrimas dêsse lindos olhos, que a vosso pai não faltará hoje um belo jantar para festejar o domingo!

— Deus Nosso Senhor o permital! Quantas graças vos darei, senhor João Martins!

— A mim, não! Antes aos cavaleiros que me acompanharem. Uma

luzida cavalgada se ordenará por certo, não vos parece, António Coutinho?

— Sobrará quem se empenhe em acompanhar-nos. O porteiro dos contos é tão bemquisto na vila!

— Contai comigo desde já, acudiu James Dias com os olhos brilhantes de alvorôço. *Sursum corda!* Não são os cágados que me fazem apetite, mas meia duzia de cabeças de gado anafado, que nos dêem uns churrascos de enche-mão.

— Pois não vos faltará êsse regalo, redarguiu António Coutinho, se deitarmos até aos aduersos do Alvorge e da Almenara, onde os mouros estão desprevenidos...

Mas a velha aia apertava de tal modo com Guiomar para que abalasses caminho de casa, que João Martins interrompeu a explanação daqueles belos projectos:

— Deixemo-nos de palavras, e vamos às obras. Por mim, vou-me sem detença ao capitão. Vós aguardai-me aqui. E quanto a Vossa Mercê, senhora D. Guiomar, não vos atormenteis. Eu vos prometo que Diogo Pires dará mercês a Deus... por ser vosso pai, concluiu êle em voz apenas audível para a rapariga.

Nem uma palavra de agradecimento saiu dos lábios dela; mas apertou de tal modo a mão do adolescente cavaleiro, que pelo rosto dêste se espalhou um sorriso de beatitude. Depois, saudando os outros, afastou-se pressurosa, enquanto a velha resmungava, retocando entre os dedos ossudos as contas do rosário:

— Nosso Senhor me perdõe, se esta isca dos cágados não é para outra pasca! (Continua)

Boletim Bibliográfico

Iniciação, cadernos de informação cultural de Agostinho da Silva: *As viagens de Colombo e Mozart*. Rua António Martins, 24-2.º — Lisboa.

Na base de toda a cultura está o conhecimento. Conhecer não implica ser culto, mas é, pelo menos, sinónimo de cultivar-se, e tem portanto foros duma primeira raiz para a posição do homem culto. Por outras palavras: a cultura não representa o somatório das noções aprendidas, mas sim das ideias que essas noções sugerem e das acções que daí resultam. Pode ler-se muito, ter-se uma vasta soma de conhecimentos livrescos ou directos, e não se ser culto.

Por outro lado, a relação consciente de um certo número de preceitos e a sua aplicação à directriz social e moral a imprimir à vida; a maneira de ser inteligente do indivíduo em relação à sociedade, do profissional em relação à profissão, do artista em relação à arte, etc. e não só em relação à profissão e à arte mas também aos problemas que se relacionam com elas, e aos que ficam na esfera de expansão do profissional, do artista, etc.; o aperfeiçoamento do carácter a partir do intelecto, — são outros tantos predicados necessários ao conceito de cultura.

Portanto, quando se pretende concorrer activamente para a cultura popular, a apresentação dos factos é insuficiente: importa racionalizá-los, ou melhor, imprimir às palavras um cunho que desperte a inteligência do leitor, e o lance, insensivelmente e sem a aparência de qualquer condução externa, de ser levado pela leitura feita, a pensar nas suas consequências prováveis, e a architectar, não suspeitando que o faz induzido pelo divulgador, os conceitos lógicos a tirar da leitura, em especial os que dizem respeito à sua integração no quadro geral dos conhecimentos que já possui. Outras vezes a apresentação de qualquer assunto destacado propõe-se servir de estímulo à prática das virtudes ou à actuação activa na sociedade.

São estas, a nosso ver, as condições primordiais para a realização duma boa obra cultural. Vejamos até que ponto estão patentes nos dois cadernos a que nesta nota nos referimos. Abrimos um parêntesis para notar que Agostinho da Silva, prevendo talvez as observações que lhe seriam feitas, teve a feliz ideia de lhes chamar «cadernos de informação cultural» e não simplesmente «cadernos culturais»; e assim, como informação pressupõe conhecimento e não relação, a falta dos elementos acima referidos é insuficiente para os denegrir.

As viagens de Colombo e Mozart são duas obras divergentes, tanto na apresentação das personagens como no processo de os encerrar.

A primeira é escrita objectivamente, e foca, quase dia-a-dia, as vicissitudes por que passa a expedição, — mas não passa disto. Na segunda, o autor segue um caminho oposto, resultante da luta entre a vida adversa e o seu temperamento subjectivo de artista em sonhos «num mundo imaginário, onde tudo é belo e puro, onde milhares de subditos que dançam, e cantam e riem em parque floridos, entre jogos de água, ... «o país de Rürken» ... «que percorre inúmeras vezes em carruagens aladas» ... «um reino de fadas onde tudo se traduz em melodias, onde todo o elemento de vida é uma nota que a outras notas harmoniosamente se liga.»

Requeria-se mais um pouco de objectividade para a explicação da figura de Mozart, e mais um pouco de cuidado na apresentação das descobertas de Colombo, especialmente no referente às suas consequências imediatas, pelo menos, e ao ambiente de interesses internacionais da época; porém, ainda que de certo modo desafinada, as teclas estão certas: a objectiva para o homem de acção, e a subjectiva para o artista que foi um génio musical.

João Tendeiro

Ao Maldizente

Epigrama

Tu, que com a lingua feres, monstro és,
Não animal; c'os dentes fere o cão,
C'ò a ponta o cervo (1), tu cervo não és,
O leão com as unhas, tu não és leão.
E se leão, ou cão, ou cervo és,
Se leão, vai-te onde os leões estão,
Se cão, o mesmo leão te despedace;
Se cervo, o mesmo cão te corra, e tate.

ANTONIO FERREIRA
(1528 - 1569)

(1) Cervo, = veado. Vocábulo antigo, só usado actualmente na poesia.

< PANORAMA >

No Atlântico, — naquêlê mesmo Atlântico que as nossas caravelas sulcaram, levando ao Oriente a mensagem da cultura europeia — mais um barco português foi metido a pique por um inimigo traiçoeiro e deshumano. Dizemos inimigo, porque inimigo será todo aquêlê que atentar contra a segurança do país, contra a sua neutralidade, e consequentemente, contra a sua independência.

Somos uma nação neutra. Somos um povo livre.

Pretendemos, num futuro próximo ou longínquo, servir de alicerce para a reconstrução dum mundo melhor, mais humano e equitativo. Foi sempre esta, a missão dos portugueses através da sua história. E suceda o que suceder, haja o que houver, Portugal continuará a ser uma nação livre e independente, porque assim o quer a vontade do seu povo, porque assim o exigimos, nós portugueses.

Mais um barco português foi metido a pique, — desta vez, um pequeno barco de pesca que regressava da sua faina, lá longe, na Groelândia. E após, a luta dura e brutal pelo pão quotidiano, os bravos trabalhadores do mar foram vítimas duma agressão cobarde e absurda.

Os jornais e as revistas publicaram artigos sobre um velho tema: *Férias!* As capas dos magazines repetiam: *Férias!* Das agências de turismo, grandes cartazes gritavam: *Férias!* Das gares uma multidão feliz esperava ansiosa a hora da partida: *Férias!* E por toda a parte, nêstes meses de verão, «Férias» era a palavra de ordem, o assunto do dia.

Férias! Ar puro das montanhas ou da beira-mar, — corpos tostados e expressões felizes!

Mas, nos bairros pobres, — labirinto de ruelas e becos sem luz do Sol — uma outra multidão continua a mesma vida de sempre, no mesmo ritmo doloroso dos que nada têm. Para êsses a palavra mágica dos meses de verão não tem significado; — as estações do ano só trazem uma promessa: *luta*, uma mensagem: *luta*.

Amiudadas vezes se fala em cultura popular, — uma cultura dirigida, em serviço do povo. Porém, a expressão «cultura popular» continua a ter um significado unilateral. Assim, verifica-se entre nós, a par de algumas realizações felizes, o culto acacia-rio pela conferência «snob», pela revista «snob», pelo escritor «snob», etc.

O escritor «snob» fez uma conferência. No dia seguinte o «diário de grande expansão» escreve: «uma assistência escolhida e distinta aplaudiu vibrantemente as últimas palavras do emiunente e erudito homem de letras.»

O escritor «snob» publicou um livro. E o mesmo «diário de grande expansão» comenta: «... este livro confirma uma vez mais o talento extraordinário do autor, que continua sendo um escritor primoroso e um artista de grandes recursos.»

O escritor «snob» mudou de cidade ou fez uma viagem. E de novo, o «diário de grande expansão» escreve: «... o escritor X, figura de grande projecção no panorama intelectual português, foi à cidade Y, onde demorará alguns dias.»

E os «jornais de grande expansão» trazem diariamente muitas notícias destas. Umas na primeira página, outras na segunda ou na terceira página, conforme o escritor «snob» é «académico» ou não. E em tanta abundância se publicam estas notas que que até parece que são as «notas», que justificam a publicação dos «diários de grande expansão.»

Será isto cultura, — cultura popular?

Um novo jornal português «Diário Popular» — publicou alguns comentários sobre a vida do ardina. O ardina, — leitor — é aquela criança mal vestida e mal comida que passa um dia inteiro a apregoar o jornal que tu compras. O ardina leva uma vida de luta, de luta continua, gritando o nome de jornais e arruinando a saúde. A sua vida não tem uma finalidade, é sempre aquela, todos os dias, todos os dias. O ardina não tarda a ser homem. Depois é drama. E no fim de contas, o «ardina», é indispensável para que os «colossos da Imprensa» continuem mantendo certos tubarões que nós conhecemos.

E' isto, mais ou menos, que nos diz o «Diário Popular».

Daniel

O vício não é sempre vício: Tenho visto mulheres que têm o vício pintado a vermelho na face e que abrigam no coração a pureza do céu. — Henri Heine.

Soneto

Lágrimas costumadas a correr-me
Quem vos pode deter? sai correndo
Doces e tristes: Vão vos to los vendo,
Uns riam outros chorem de tal ver-me.

Onde poderei eu de mim esconder-me?
Se quanto mais resisto, e me defendo,
Então me venço mais, e vai crescendo
A força, como posso defender-me?

Quem meus olhos olhar, rindo ou chorando,
Sentirá neles logo um movimento
D'algum esp'rito, que os lá rege e manda.

Este chorar me faz, êste cantando
Me leva após meu mal, sem um momento
Esta alma livre ter do estado em que anda.

António Ferreira (1528-1569)

HIGIENE INDUSTRIAL

O TRABALHO NAS MINAS

2

Não há qualquer meio para combater os males provenientes da falta de luz natural. Com efeito, a iluminação electrica não pode de modo algum substituir a luz solar, e mesmo que o conseguisse, as instalações de lâmpadas nunca poderiam ser levadas até às extremidades das galerias onde se está realizando o trabalho de extracção mineira, por causa da deslocação do ar devida às explosões. Na melhor das hipóteses, só as lâmpadas próximas ficariam fundidas. Por isso — quando muito — usam-se lâmpadas electricas nas entradas das galerias, sendo a iluminação nos outros locais feita geralmente por meio de gazómetros de acetileno.

A humidade é também um factor insalubre difficil de combater, principalmente quando é grande a abundância de água o que sucede quasi sempre nas minas bastante profundas. No próprio interesse da facilidade e segurança dos trabalhos, instalam-se bombas electricas que realizam o esgotamento da água até onde isso é possível. Pode dizer-se que a humidade é uma característica geral do ambiente das minas.

Para evitar a viciação da atmosfera deve proceder-se a uma, quando possível, perfeita ventilação. Esta ventilação tem que ser muito cuidadosa pois — como é sabido — são sempre fáceis os riscos de morte por asfixia. Eis a razão porque não é de aconselhar o emprego de bombas a gazolina, petróleo, ou outros combustíveis produtores de gazes no escape, que rapidamente tornariam o ambiente irrespirável.

A ventilação é natural, quando realizada por meio de chaminés, que põem em contacto as galerias com a atmosfera. Os gases leves tem tendência a subir, e os mais pesados podem também ser elevados devido à diferença de temperatura existente entre a galeria e o exterior.

No entanto, quando os trabalhos se realizam a grande profundidade — da ordem das centenas de metros — a ventilação por chaminés não é sufficiente. Empregam-se então ventiladores utilizando a força hidráulica (sistema da trompa de água), mecânicos (ventiladores helicoidais, de palhetas e centrífugos) ou ainda muito frequentemente por ar comprimido. Os ventiladores por ar comprimido (sistema Venturi) funcionam também à maneira de trompa: a projecção violenta da corrente de ar sobre um tubo cónico e afilado opera uma chamada das moléculas

circunvizinhas que são como que atraídas e produzem assim uma tiragem forçada.

Para evitar a produção das poeiras nas brocas mecânicas usam-se ferramentas especiais providas dum orificio central por onde passa um jacto de água. Esses martelos húmidos, assim designados, atenuam deste modo a causa dum dos maiores inconvenientes no trabalho das minas. As poeiras formadas na perfuração são arrastadas com a água sob a forma de lama.

As diferenças de temperaturas entre o ambiente das galerias e a atmosfera exterior, por se não lhes atribuir grande importância, não costumam eliminar-se. Deixa-se ao cuidado dos mineiros o necessário resguardo para evitar constipações, pneumonias, gripes, etc.

O perigo das derrocadas evita-se tendo a maior atenção no emprego dos explosivos, na verificação dos orificios dos tiros que ficaram precedentemente encravados (por explodirem), e na observação criteriosa da constituição geológica dos terrenos em que se trabalha. Em locais de fraca solidez é perigoso o emprego de dinamite. As explosões do grist, em particular, evitam-se usando instalações eléctricas próprias com vista a pôr cõbro aos curto-circuitos, e empregando nos lugares onde não chega a instalação, as famosas lâmpada Davy, cuja chama, envolvida por uma rede metálica, não pode chegar ao contacto com o gaz, e portanto elimina a possibilidade de êle explodir.

A circulação da vagonetas e o funcionamento dos elevadores devem ser também cuidadosamente fiscalizados, de modo a evitar os descuidos que são, em noventa por cento dos casos, os produtores de desastres desta espécie.

Damos finalmente, para concluir, uma série de regras que devem ser observadas no trabalho de minas com vista a combater a anquilostomíase:

- 1.ª afastar os doentes atacados;
- 2.ª criar postos para exame das fezes e tratamento dos doentes;
- 3.ª proibição absoluta de defecar nas galerias. Obrigar à utilização de instalações próprias e procurar matar as anquilostomas nos locais suspeitos, por meio de tratamento com cal.
- 4.ª esgotar completamente a água das minas por meio de canais e bombas;
- 5.ª proibição de beber água nascida nas minas. Lavar as mãos antes das refeições.

André Valmar